

Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 25, n. 43, setembro de 2025

O papel de Marina/Malintzin/Malinche no processo de conquista do México-Tenochtitlan	Maria Izabel Barboza de Morais Oliveira Universidade Federal do Maranhão
--	---

Resumo

Pretende-se evidenciar o papel de Marina/Malintzin/Malinche no processo de conquista do México-Tenochtitlan (1519-1521), por meio de sua representação nos textos de Francisco López de Gómara, *Historia de la Conquista de Mexico*, publicado em 1552, e de Bernal Díaz del Castillo, *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España*, concluído em 1568. Como referencial teórico-metodológico, recorreremos às noções do filósofo da linguagem russo Mikhail Bakhtin. Segundo este autor, “onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento”. Todo texto tem um autor e este autor tem uma intenção. Há uma inter-relação entre o texto e o contexto do autor. (BAKHTIN, 2011, p. 307, 308, 311).

Palavras-chave: Marina/Malintzin/Malinche; Protagonismo Indígena; Conquista do México-Tenochtitlan.

Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 25, n. 43, setembro de 2025

He role of Marina/Malintzin/Malinche in the process of conquest of Mexico-Tenochtitlan	Maria Izabel Barboza de Morais Oliveira Universidade Federal do Maranhão
--	---

Abstract

The aim is to highlight the role of Marina/Malintzin/Malinche in the process of conquest of Mexico-Tenochtitlan (1519-1521), through its representation in the texts of Francisco López de Gómara, *Historia de la Conquista de Mexico*, published in 1552, and by Bernal Díaz del Castillo, *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España*, completed in 1568. As a theoretical-methodological reference, we will resort to the notions of the Russian language philosopher Mikhail Bakhtin. According to this author, “where there is no text there is no object of research and thought”. Every text has an author and this author has an intention. There is an interrelationship between the text and the author's context. (BAKHTIN, 2011, p. 307, 308, 311).

Keywords: Marina/Malintzin/Malinche; Indigenous Protagonism; Conquest of Mexico-Tenochtitlan.

Introdução

Introdução

Marina é mencionada nos relatos sobre a conquista do México-Tenochtitlan a partir do momento em que é dada de presente aos espanhóis pelos líderes indígenas de Tabasco juntamente com outras dezenove indígenas na condição de escravizadas. Como observa Margo Glantz, Marina foi “entregue como instrumento fundamental para cumprir com as tarefas da vida diária (...), incluindo as tarefas de reprodução”. (GLANTZ, 1994, p. 7, tradução nossa)

Nas penas dos cronistas do século XVI, Marina é retratada como a intérprete que acompanhava Cortés, fazendo a intermediação entre o conquistador espanhol e os líderes indígenas da Mesoamérica; e também a mãe do filho de Cortés, Martin Cortés.

No século XIX, após a Independência do México e no processo de construção da identidade mexicana, o discurso político mexicano reinterpretou o papel de Marina, acusando-a de traidora por ter ficado ao lado dos espanhóis no processo da conquista. (SKIDMORE, 1997, p. 117). Conforme Cristina González Hernández, nesse momento, é formada a “lenda negra” de Malinche, ela é considerada a culpada, a traidora da pátria:

A formação da “lenda negra” da Malinche é, pois, um longo processo diretamente relacionado com o estabelecimento da ideia de nação, que, fazendo da conquista seu ponto central, converte Malintzin na principal protagonista, ou por melhor dizer, na principal culpada da destruição do mundo pré-hispânico. (HERNÁNDEZ, 2002, p. 42, tradução nossa)

Em seu livro *El laberinto de la soledad*, publicado em 1950, precisamente no capítulo intitulado “Los hijos de la Malinche”, Octavio Paz funde Marina com a *Chingada*, aquela que entregou o seu povo aos espanhóis. Portanto, uma traidora:

Se a Chingada é uma representação da Mãe violada, não me parece forçado associá-la à Conquista, que também foi uma violação, não só no sentido histórico, mas na própria carne das mulheres índias. O símbolo da entrega é Dona Malinche, a amante de Cortés. É verdade que ela se entrega voluntariamente ao Conquistador, mas ele, assim que ela deixa de lhe ser útil, a esquece. Dona Marina tornou-se uma figura que representa as índias, fascinadas, violadas ou seduzidas pelos espanhóis. E da mesma forma que o menino não perdoa a mãe por tê-lo abandonado para ir em busca do pai, o povo mexicano não perdoa a traição da Malinche. (PAZ, 1992, p. 35, tradução nossa)

Malintzin se converteu em blasfêmia na boca dos chicanos. Neste sentido, segundo Gloria Anzaldúa, no México, a indígena é conhecida como *la Chingada*: “É a puta, a prostituta, a mulher que vendeu seu povo aos espanhóis, estes são os insultos depreciativos que os chicanos esculpem diariamente contra ela.” (apud GLANTZ, 1994, p. 9, tradução nossa)

Percebe-se que as representações de Marina mudam de acordo com as épocas e os interesses daqueles que a representam. Neste trabalho, nosso interesse reside em colher as primeiras impressões registradas sobre a indígena por dois cronistas que viveram na sua época. No caso, Bernal Díaz del Castillo, soldado-cronista que participou da expedição de Cortés na Mesoamérica, e Francisco Lopez de Gómara, que nunca esteve na América, mas conviveu com o conquistador, já que residia em sua casa, de 1540 a 1547, na qualidade de capelão privado e secretário.

Pretendemos destacar o protagonismo de Dona Marina/Malintzin/Malinche no processo de conquista espanhola, notadamente no México-Tenochtitlan (1519-1521), mediante sua representação em textos da época. Utilizamos como fontes: *Historia de la Conquista de Mexico* de Francisco López de Gómara, publicada em 1552, e *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España* de Bernal Díaz del Castillo, concluída em 1568.

Como referencial teórico-metodológico, recorreremos às noções do filósofo da linguagem russo Mikhail Bakhtin. Segundo este autor, “onde não há texto, não há objeto de pesquisa e pensamento”. Todo texto tem um autor e este autor tem uma intenção. Há uma inter-relação entre o texto e o contexto do autor. (BAKHTIN, 2011, p. 307, 308, 311)

Contexto: o processo de conquista do México-Tenochtitlan

A fim de empreender uma grande conquista na Mesoamérica¹, segundo Jacques Soustelle, no dia 10 de fevereiro de 1519, o conquistador espanhol Hernán Cortés (1485-1547) partiu de Cuba em comando de “11 navios, (...) 508 soldados, 16 cavalos e 14 peças de artilharia”. (SOUSTELLE, 2002, p. 94).

Figura 1: Mapa da Mesoamérica:

¹ Denomina-se Mesoamérica a região do continente americano que inclui o sul do México e os territórios da Guatemala, Belize e El Salvador, como também as partes ocidentais da Nicarágua, Honduras e Costa Rica.



Fonte: <https://www.mapade.org/mesoamerica.html>

A expedição comandada por Cortés em 1519 foi a terceira que partiu de Cuba e chegou à costa mexicana. A primeira expedição realizada em 1517 foi comandada por Francisco Hernandez de Córdoba; a segunda ocorreu no ano seguinte sob o comando de Juan de Grijalva. Em 1519, Cortés havia sido enviado à região mexicana por Diego Velásquez, governador de Cuba. Contudo, depois que os navios haviam partido, por desconfiar de Cortés, Velásquez tentou fazer com que ele voltasse a Cuba, mas Cortés não acatou suas ordens, desembarcou na futura Vera Cruz e declarou que estava sob a autoridade direta do rei da Espanha (TODOROV, 2014, p. 75). Importante lembrar que Carlos I era ao mesmo tempo rei da Espanha e Imperador do Sacro Império Romano Germânico como Carlos V, portanto, o homem mais poderoso da Europa na época. A relação entre Diego Velásquez e Cortés, que já era conflituosa antes desse episódio, piorou, a partir daí, eles se tornaram grandes rivais. Conforme Marcus Vinicius de Morais, “O governador de Cuba chegou a escrever para o Conselho das Índias, reclamando da desobediência de Cortés”. (MORAIS, 2011, p. 49).

Antes de ingressar no exército de Castela, Cortés havia cursado dois anos de Direito na Universidade de Salamanca e por isso dominava a arte da oratória, do convencimento através da palavra. Contudo, esta sua habilidade não surtiria efeitos na região da Mesoamérica, já que se deparou com povos indígenas de diversas etnias, com línguas e culturas diferentes. Assim, o conquistador logo percebeu que, para conseguir

alcançar seu objetivo, necessitava de intérpretes para intermediar a comunicação entre ele e os povos originários daquela região. Na época, a pessoa que exercia tal atividade era chamada de *lengua* (língua).

Ao chegar na Mesoamérica, Cortés já tinha conhecimento de que uma expedição espanhola havia naufragado na Jamaica em 1511 e que dois sobreviventes viviam na península de Yucatán. Um deles, o frade espanhol Jerónimo de Aguilar, aceitou prontamente o convite de Cortés para juntar-se à sua expedição e ser sua *lengua*, já que havia aprendido a falar a língua maia durante os oito anos em que viveu entre os indígenas.

Em Potonchán, cidade da província de Tabasco, após ter empreendido guerra contra Cortés, os líderes indígenas decidiram aliar-se a ele e, a fim de selar o acordo de paz, presentearam o conquistador espanhol com joias de ouro, pedras turquesa, frutas, pão, pavões e vinte mulheres indígenas escravizadas, dentre elas aquela que seria mais conhecida posteriormente como Malinche.

Assim que Cortés recebeu as vinte mulheres indígenas de presente dos líderes indígenas de Tabasco, ele ordenou que fossem batizadas no cristianismo antes de distribuí-las entre seus capitães, já que na cultura europeia cristã era considerado pecado mortal ter relações sexuais com mulheres indígenas pagãs. A indígena que ficou conhecida posteriormente como Malinche recebeu o nome de Marina e, por considerá-la a mais bonita, Cortés a deu para o capitão Portocarrero, o homem mais importante de sua armada por ser primo de um conde espanhol.

Enquanto Cortés avançava em uma parte da Mesoamérica onde se falava maia, Jerónimo de Aguilar serviu perfeitamente na intermediação entre ele e os líderes indígenas ou seus embaixadores, pois traduzia as palavras pronunciadas por Cortés em espanhol para a língua maia falada pelos povos originários. No entanto quando ainda no ano de 1519, em San Juan de Ulúa, fortaleza de Veracruz, os espanhóis receberam um governador, acompanhado de cerca de quatro mil indígenas, como embaixador do imperador asteca Montezuma, para transmitir mensagens desse a Cortés, Jerónimo de Aguilar não entendeu sequer uma palavra, pois aqueles indígenas falavam em náuatle, língua oficial do Império Asteca.

A partir daí, como dominava as duas línguas, náuatle e maia, Marina passou a traduzir as palavras dos indígenas do náuatle para o maia a Jerónimo de Aguilar e este convertia em espanhol para Cortés; depois, os dois intérpretes, línguas, faziam o trabalho ao inverso, de Cortés aos indígenas. Devido sua facilidade em aprender línguas, logo Marina aprendeu a falar em espanhol, o que tornou o trabalho de Jerónimo de Aguilar menos importante. Com isto, ela passou a ser a língua oficial mais importante de Cortés.

Logo que chegou à região da Mesoamérica, Cortés fez “uma descoberta que continha o germe de sua vitória”. (SOUSTELLE, 2002, p. 96). Ele percebeu que muitos povos submetidos ao Império de Montezuma odiavam os astecas. Dentre eles, os totonacas, habitantes da região de Totonocapan, que

receberam os espanhóis muito bem em sua capital, Cempoala. Já os tlaxcaltecas, poderosos inimigos dos astecas, que não haviam se submetido ao Imperador Montezuma, assim que os espanhóis chegam à fronteira de Tlaxcala, inicialmente resistiram, travando batalha com eles, mas logo os líderes tlaxcaltecas resolveram fazer aliança com os espanhóis contra os inimigos astecas. Assim, “os espanhóis entraram em Tlaxcala (...) com uma chuva de flores “os tlaxcaltecas tornam-se os melhores aliados dos espanhóis; dirigiram-se a Cholula e massacraram seis mil cholultecas (SOUSTELLE, 2002, p. 96), povos inimigos dos tlaxcaltecas. Esse massacre, de 18 de outubro de 1519, ficou conhecido como o *Massacre de Cholula*.

Após esse massacre, Montezuma autoriza que os espanhóis entrem em Tenochtitlan. Assim, no dia 8 de novembro de 1519, os espanhóis entram na capital do Império Asteca, sendo muito bem recebidos pelo Imperador. Depois de algum tempo, Cortés resolve prender Montezuma. Ao saber que na costa do México havia uma expedição capitaneada por Pánfilo de Narváez, enviada por Diego Velásquez para tirar seu comando e castigá-lo, Cortés parte ao seu encontro com alguns de seus soldados e deixa outros em Tenochtitlan sob o comando de Pedro de Alvarado para guardar Montezuma. Cortés vence a batalha, prende Pánfilo de Narváez e convence os outros a ficarem sob seu comando. Fica sabendo que, durante o tempo em que esteve ausente de Tenochtitlan, sob as ordens de Pedro de Alvarado, muitos nobres astecas foram massacrados traiçoeiramente no Templo Maior durante uma festa religiosa, e que os astecas se sublevaram. Cortés retorna a Tenochtitlán. Montezuma morre. Diante do forte ataque dos astecas, Cortés resolve fugir da cidade à noite com seu exército. Os astecas descobrem o plano, e na batalha, o conquistador perde metade de seus soldados. Tal episódio de 30 de junho de 1520 ficou conhecido como a *Noite Triste*. Cortés foge para Tlaxcala, onde recupera suas forças. Com seus aliados tlaxcaltecas e outros, o conquistador volta para sitiá-la cidade de Tenochtitlan, que havia sido construída em uma ilha no meio do Lago Texcoco. Além de cortar todas as vias de acesso à cidade, ele ordena que seus soldados construam 12 bergantins (embarcações pequenas e rápidas). (TODOROV, 2014, p. 75-76). Com a cidade sitiada, os indígenas enfrentaram a fome, a sede e a epidemia de varíola. Mesmo com o heroísmo do novo Imperador Asteca Cuauhhtemotzin (Cuauhtémoc), de seus guerreiros e demais, os espanhóis e seus aliados conquistaram a cidade. “Em 13 de agosto de 1521 (...) Cuauhhtemotzin teve que se render a Cortés. Assim teve fim o Império”. (SOUSTELLE, 2002, p. 98)

As Cartas de Relación de Hernán Cortés dirigidas ao Imperador Carlos V

De 1519 a 1526, Cortés escreveu cinco *Cartas de Relación* ao Imperador Carlos V: a primeira carta foi escrita em 1519, a segunda em 1520, a terceira em 1522, a quarta em 1524 e a quinta em 1526.²

Constituindo-se em um tipo de informes oficiais, tais cartas relatavam com detalhes o cotidiano do conquistador e de seus soldados na Mesoamérica. Desse modo, as dificuldades, batalhas, alianças, vitórias, derrotas, mortes e conquistas eram narradas por Cortés. Fato importante é que o governador de Cuba, Diego Velázquez, escrevia às autoridades espanholas, falando da rebeldia do conquistador. Assim, o propósito de Cortés ao narrar suas façanhas nessas *Cartas de Relación* era obter não somente privilégios como também o apoio do Imperador.

Quanto à Marina, o conquistador a menciona somente em duas de suas cartas. Na Segunda Carta, redigida em 1520, em duas linhas ele fala brevemente das duas *lenguas* que o acompanhavam, sem citar seus nomes.

Na Quinta Carta, escrita na cidade de Tenochtitlan em 03 de setembro de 1526, Cortés refere-se à Marina apenas como a *lengua* (intérprete) que o acompanhava, frisando que a indígena tinha sido entregue a ele juntamente com outras vinte mulheres em Tabasco:

Respondi que o capitão que os povos de Tabasco disseram que havia passado por sua terra, com quem eles haviam lutado, era eu; e para que ele acreditasse ser verdade, que se informasse daquela língua que com ele falava, que é Marina, aquela que eu sempre trouxe comigo, porque ali me haviam dado com outras vinte mulheres; e ela lhe falou e o certificou sobre isso, e como eu havia conquistado o México, e contei a ele sobre todas as terras que submeti e coloquei sob o império de sua majestade. (CORTÉS, 1985, p. 338, tradução nossa)

Nesta Carta de Relación, o conquistador não diz que Marina mediava suas negociações e tinha um papel importante ao seu lado, portanto, apagando seu protagonismo na história da conquista do México-Tenochtitlan. Como o objetivo de Cortés era narrar suas façanhas ao Imperador Carlos V para obter apoio e privilégios, não era de seu interesse mostrar a importância de Marina no processo de conquista do México.

Apesar de Marina não ter deixado nenhum registro sobre si, e de Hernán Cortés quase não mencioná-la em suas cinco *Cartas de Relación*, dirigidas ao imperador Carlos V, é possível perceber a sua importância, já que os cronistas que relataram sobre a conquista do México dedicaram-lhe algumas páginas de seus textos. Dentre eles: Francisco López de Gómara, em *Historia de la Conquista de México* (1552); Bernal Díaz del Castillo, em *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España* (1568); frei Bernardino de Sahagún, em *Historia general de las Cosas de Nueva España* (1575); frei Bartolomé de Las

² Segundo Lacroix, as *Cartas de Relación* de Hernán Cortés apareceram impressas em 1522, 1523, 1524, 1525, 1526, 1532 e 1550. (LACROIX in GÓMARA, 2007, p. XVI).

Casas, em *Historia de las Indias* (1559); o mestiço Diego Muñoz Camargo, em *Hitoria de Tlaxcala* (1584); e o mestiço Hernando Alvarado Tezozomoc, em *Crónica Mexicana* (1598).

Aqui, nos concentraremos em dois deles: Francisco López de Gómara e Bernal Díaz del Castillo, nas crônicas acima citadas.

Francisco López de Gómara: [...] ele a queria ter por sua faraute e secretária [...]

Pouco se sabe sobre Francisco López de Gómara. Segundo Iglesias, ele nasceu na cidade de Gómara, localizada na província de Soria, Espanha, no dia 02 de fevereiro de 1511, conforme deixou registrado em sua obra os *Anales del Emperador Carlos V*. Não se tem informação certa de sua vida antes dos vinte anos de idade. Com esta idade, em 1531, ele diz que encontrava-se em Roma. Em 1541 diz estar em Veneza. Neste ano, integra a expedição de Carlos V contra Argel, da qual Hernán Cortés também participou. Durante esta desastrosa expedição, iniciou-se a amizade entre Gómara e Cortés. Gómara tinha trinta anos de idade e Cortés cinquenta e seis. O sacerdote passa a trabalhar para o conquistador, sendo seu capelão e criado quando este se torna marquês. Após a morte de Cortés em 1547, Gómara continua morando em Valladolid. Não se sabe a data exata de sua morte, mas estima-se que foi entre 1557 e 1566. Morreu jovem, nos primeiros tempos do reinado de Filipe II. (IGLESIA, 1942, p. 97-98, tradução nossa)

Gómara nunca esteve na América. Foi nomeado por Cortés a seu capelão privado e secretário. Por sete anos (1540 a 1547) morou na casa do conquistador na Espanha, seja em Valladolid, seja em Castilleja de la Cuesta (município da província de Sevilha). A partir dos relatos que ouvia de Cortés, escreveu *Historia general de las Indias e Historia de la Conquista de Mexico*, sendo esta a segunda parte daquela. Enquanto na primeira parte o autor aborda o contexto mais amplo da conquista da América, na segunda foca na conquista do México. Para a escrita desta última, usou como fontes as *Cartas de Relación* de Hernán Cortés assim como o seu depoimento oral; além disso, colheu informações de outros conquistadores, como frei Toribio de Motolinía, Andrés de Tapia, Pedro Mártir de Anglería e Gonzalo Fernández de Oviedo. (LACROIX in GÓMARA, 2007, p. IX-XVI, tradução nossa).

A obra foi publicada em Zaragoza no ano de 1552; no ano seguinte, foi reimpressa em Medina del Campo, cidade natal de Bernal Díaz del Castillo; em 1554, foi reimpressa em Amberés e mais uma vez em Zaragoza. (RUI, 2010, p. 176). Para Jorge Gurría Lacroix, a obra tinha um projeto bem simples: “Tratava-se de narrar a atuação de Hernán Cortés durante a conquista do México e, por sua vez, dar a conhecer quem eram as gentes que habitavam estas terras, assim como os costumes e formas de vida de que eram possuidores”. (LACROIX in GÓMARA, 2007, p. IX. Tradução nossa)

Gómara foi o primeiro historiador que escreveu um livro para tratar somente da conquista do México; este foi o primeiro livro impresso a respeito do tema; o livro causou polêmica, sendo censurado no momento da publicação; denunciado e recolhido; muitas vezes reeditado e traduzido para diversos idiomas; atualmente, no México, está condenado a um quase completo esquecimento. (IGLESIA, 1942, p. 97, tradução nossa)

Como bom renascentista que era, Gómara ansiava pela imortalidade. Em sua concepção, era fundamental que as ações dos homens, nas esferas das letras e das armas, não fossem jamais esquecidas. Pela falta de dados existentes a respeito da vida de Gómara, poder-se-ia concluir que seu desejo de imortalidade não se realizou. Contudo, seus livros bastam para satisfazer a ambição de um intelectual humanista tão notável como ele foi. Enquanto os outros documentos se calam, seus livros dizem tudo sobre ele. É possível perceber a extraordinária solidez de sua cultura recebida na Itália renascentista. Ele fica tão impressionado com o espetáculo da Espanha verdadeiramente imperial de Carlos V que isto o impulsiona a dedicar-se à história. O grande conhecimento que possui dos homens, sua habilidade para a biografia, aparece na veneração que nutre por Hernán Cortés e no lugar de honra que lhe dedicou tanto em sua vida como em seus textos. (IGLESIA, 1942, p. 97-99, tradução nossa)

Tamanha era a veneração que Gómara nutria por Hernán Cortés que dedicou a *Historia de la conquista de México* ao filho do conquistador, Don Martín Cortés, Marquês do Valle.³ (LACROIX in GÓMARA, 2007, p. XXII-XXIII, tradução nossa). Conforme os próprios termos de Gómara, “A ninguém devo atribuir a Conquista do México, ilustre senhor, senão a Vossa Excelência, que é filho daquele que a conquistou, para que, assim como herdou a propriedade, herde também a história”. (GÓMARA, 2007, p. 3, tradução nossa)

De acordo com Ramón Iglesia, o conceito que Gómara tem da história é “individualista, aristocrático e heroico”, a história é um conjunto de biografias de grandes personagens. Neste sentido, o relato da conquista do México se confunde com a biografia de Hernán Cortés. (IGLESIA, 1942, p. 157-158, tradução nossa). De fato, a obra inicia com o nascimento e termina com a morte desse conquistador.

Conforme Adailson José Rui, devido ser um humanista do Renascimento e estar vinculado a Cortés como seu capelão e secretário, López de Gómara exaltou Cortés como “o único condutor da conquista”: “O vínculo de Gómara com Cortés, associado à tendência de valorização do indivíduo [...] do Renascimento, ajuda-nos a compreender as razões que levaram Gómara a exaltar Cortés [...] como o único condutor da conquista, o líder eminente”. (RUI, 2010, p. 176)

³ Don Martín Cortés (1532-1589) era filho de Hernán Cortés com a sua segunda esposa, Doña Juana de Zúñiga, com quem se casou em 1529. Don Martín Cortés tinha um meio-irmão mais velho com o mesmo nome. Martín Cortés (1523-1568), filho de Hernán Cortés com Dona Marina, não possuía o título de don. Ele foi o primeiro filho homem de Hernán Cortés. Apesar de ser ilegítimo, recebeu o nome do avô, pai de Hernán Cortés.

Segundo Todorov, logo que toma conhecimento da existência do reino de Montezuma, Cortés resolve “não apenas extorquir riquezas, como também subjugar o reino.” No início, ele não quer tomar e sim compreender. “Sua expedição começa com uma busca de informação e não de ouro. A primeira ação importante que executa (...) é procurar um intérprete.” (TODOROV, 2014, p. 143). Pois, na concepção do conquistador, “A conquista da informação leva à conquista do reino”. (TODOROV, 2014, p. 149)

Na *Historia de la conquista de México*, Gómara dedica quatro páginas para tratar da entrada de Jerónimo de Aguilar na expedição de Cortés como sua *lengua* oficial. Segundo Gómara, ao chegar à ilha de Cozumel com sua expedição, Cortés e seus homens foram muito bem recebidos pelos índios. Esses ficaram muito admirados com a aparência dos espanhóis e, por meio de encenação com as mãos, comunicaram que em Yucatán viviam cerca de cinco ou seis homens iguais a eles. Cortés demonstrou muito interesse em tê-los como seus intérpretes (*lengua*); “[...] considerando o quanto lhe importaria ter bom *faraute* para entender e ser entendido [...]” (GÓMARA, 2007, p. 3, tradução nossa) não mediu esforços para encontrá-los, como evidencia a carta que escreveu para que fosse entregue a eles pelos índios:

Aqueles ilhéus não se cansavam de olhar para os nossos cavalos ou navios; e assim, nunca pararam, senão iam e vinham; maravilhavam-se com as barbas e a cor de nossos homens, que chegavam a tentá-los, e faziam sinais com as mãos em direção a Yucatán, porque estavam lá cinco ou seis homens barbudos, havia muitos sóis. Fernando Cortés, considerando o quanto lhe importaria ter um bom *faraute* para entender e ser entendido, implorou ao calachuni que lhe desse alguém que levasse uma carta aos barbudos que diziam. Mas ele não encontrou quem quisesse ir lá com semelhante recado, por medo daquele que os tinha, que era grande senhor e cruel; e tal, que conhecendo a embaixada, mandaria matar e comer quem a levasse. Vendo isso, Cortés lisonjeou três ilhéus que foram muito prestativos em sua pousada. Deu-lhes algumas coisinhas e implorou que fossem com a carta. Os índios deram muitas desculpas para isso, pois tinham por certo que os matariam. Mas, enfim, foram tantas orações e presentes que prometeram ir. E assim, logo escreveu uma carta que em suma dizia: ‘Nobres senhores: parti de Cuba com onze navios de armada e quinhentos e cinquenta espanhóis, cheguei aqui em Acuzamil, de onde vos escrevo esta carta. Os desta ilha me certificaram que há nessa terra cinco ou seis barbudos que em tudo são muito parecidos conosco. Eles não sabem me dar ou dizer outros sinais; mas a partir disso conjeturo e tenho certeza de que vocês são espanhóis. Eu e estes nobres que vêm comigo para descobrir e povoar estas terras, pedimos-lhes muito que, dentro de seis dias que receberem esta, venham até nós, sem mais demora ou desculpa. Se todos vierem, conheceremos e gratificaremos o bom trabalho que esta armada receberá de vocês. Envio um bergantin para que venham, e dois navios para segurança.—Fernando Cortés’. (GÓMARA, 2007, p. 27-28, tradução nossa)

De acordo com Gómara, após muitas tentativas fracassadas, Cortés encontra-se com Jerónimo de Aguilar, que se torna seu intérprete (GÓMARA, 2007, p. 29-31, tradução nossa), já que em decorrência dos oito anos vividos entre os povos maias aprendeu a falar a língua deles. Agora, Cortés poderia se comunicar melhor com os índios de Cozumel: “Logo no dia seguinte à chegada de Aguilar, Cortés voltou a falar com os acuzamelanos para informar-se melhor sobre as coisas da ilha, pois eles seriam bem entendidos com tão fiel intérprete”. (GÓMARA, 2007, p. 31, tradução nossa)

Como sabemos, em sua missão de conquista, Cortés buscava fazer alianças com os povos indígenas da Mesoamérica, mas alguns não aceitavam e faziam guerra contra os espanhóis. Na referida obra, Gómara

menciona a batalha entre os indígenas da província de Tabasco e o exército de Cortés. Segundo o cronista, após resistirem, os senhores daquele povo aceitaram o acordo de paz e amizade proposto por Cortés. Para selar tal acordo, deram muitos presentes ao conquistador, dentre eles vinte mulheres escravas, que Cortés distribuiu entre seus capitães:

Veio a Cortés o senhor daquele povo e outros quatro ou cinco vizinhos, com boa companhia de índios, e lhe trouxeram pão, pavões, frutas [...] quatrocentos pesos de ouro em joias, algumas pedras turquesa de pouco valor, e até vinte mulheres de suas escravas para que lhes assassem pão e cozinhasse para o exército; com as quais pensavam fazer grande serviço, como eles os viam sem mulheres, e porque cada dia é preciso moer e cozinhar pão de milho, em que se ocupa muito tempo as mulheres. [...] Cortés [...] distribuiu aquelas vinte mulheres escravas entre os espanhóis. (GÓMARA, 2007, p. 46-47, tradução nossa)

Segundo Gómara, quando Hernán Cortés esteve em San Juan de Ulúa, Teudilli, governador daquela ilha, na qualidade de magistrado do imperador Montezuma, enviou alguns índios até onde Cortés e seus soldados estavam para saber quem eram, o que queriam, se ficariam ali ou seguiriam adiante. Mesmo Jerónimo de Aguilar não os tendo entendido, Cortés os recebeu muito bem e disse que no outro dia falaria com o seu governador. No outro dia, Cortés e seu exército encontraram-se com o governador Teudilli, que estava acompanhado de mais de quatro mil índios desarmados. Dentre eles, alguns trouxeram muitos alimentos. Teudilli deu a Cortés ricas joias de ouro e objetos de plumas bem elaborados. Cortés o abraçou, recebendo-o alegremente. Deu a ele alguns presentes, incluindo quinquilharias de pouquíssimo valor para os espanhóis, mas que eram muito estimadas pelos índios. (GÓMARA, 2007, p. 52-54, tradução nossa)

Gómara acrescenta que até aquele momento a comunicação entre Cortés e Teudilli estava sendo feita sem *lengua*, já que Jerónimo de Aguilar não entendia a língua daqueles índios, que falavam uma língua muito diferente da língua maia que havia aprendido. Desse modo, Cortés estava desanimado por não ter como se comunicar com aquele governador e obter informações sobre o lugar. No entanto, logo Cortés animou-se, pois uma das vinte mulheres que recebera em Potonchán (cidade situada na província de Tabasco) falava com os índios que acompanhavam o governador e os entendia muito bem. Com a ajuda de Aguilar, Cortés falou com ela, prometendo-lhe mais que liberdade se fosse leal a ele na intermediação entre ele e os índios de sua terra, que ele a queria como *faraute* e secretária:

Tudo isto se havia feito sem língua, porque Jerónimo de Aguilar não entendia estes índios, que falavam outra linguagem muito diferente da que sabia; Cortés foi com cuidado e tristeza, por faltar-lhe *faraute* para entender-se com aquele governador e saber as coisas daquela terra; porém, logo saiu dela, porque uma daquelas vinte mulheres que lhe deram em Potonchan, falava com os daquele governador e os entendia muito bem, como a homens de sua própria língua; assim que Cortés tomou-lhe separada de Aguilar, e prometeu-lhe mais que liberdade se tratasse com a verdade entre ele e aqueles de sua terra, pois os entendia, e ele a queria ter por sua *faraute* e secretária. (GÓMARA, 2007, p. 54, tradução nossa)

Quem era esta indígena? Qual é a sua procedência? Segundo Gómara, Cortés também perguntou a ela quem era e de onde vinha. Marina falou que era de Jalisco, de um lugar chamado Holuta, filha de pais ricos, e que o senhor daquela terra era seu parente; quando menina, foi roubada por mercadores, vendida na feira de Xicalango, perto de Tabasco, e depois chegou ao poder do senhor de Potonchan:

[...] além disto, perguntou-lhe quem era ela e de onde. Marina, que assim se chamava depois de cristã, disse que era de Xalisco, de um lugar dito *Viluta*, filha de ricos pais, e parente do senhor daquela terra; que sendo menina foi roubada por certos mercadores em tempo de guerra, trazida para vender na feira de Xicalango, que é uma grande aldeia sobre Cozacualco, não muito longe de Tabasco; de lá foi chegando ao poder do senhor de Potonchán. (GÓMARA, 2007, p. 54, tradução nossa)

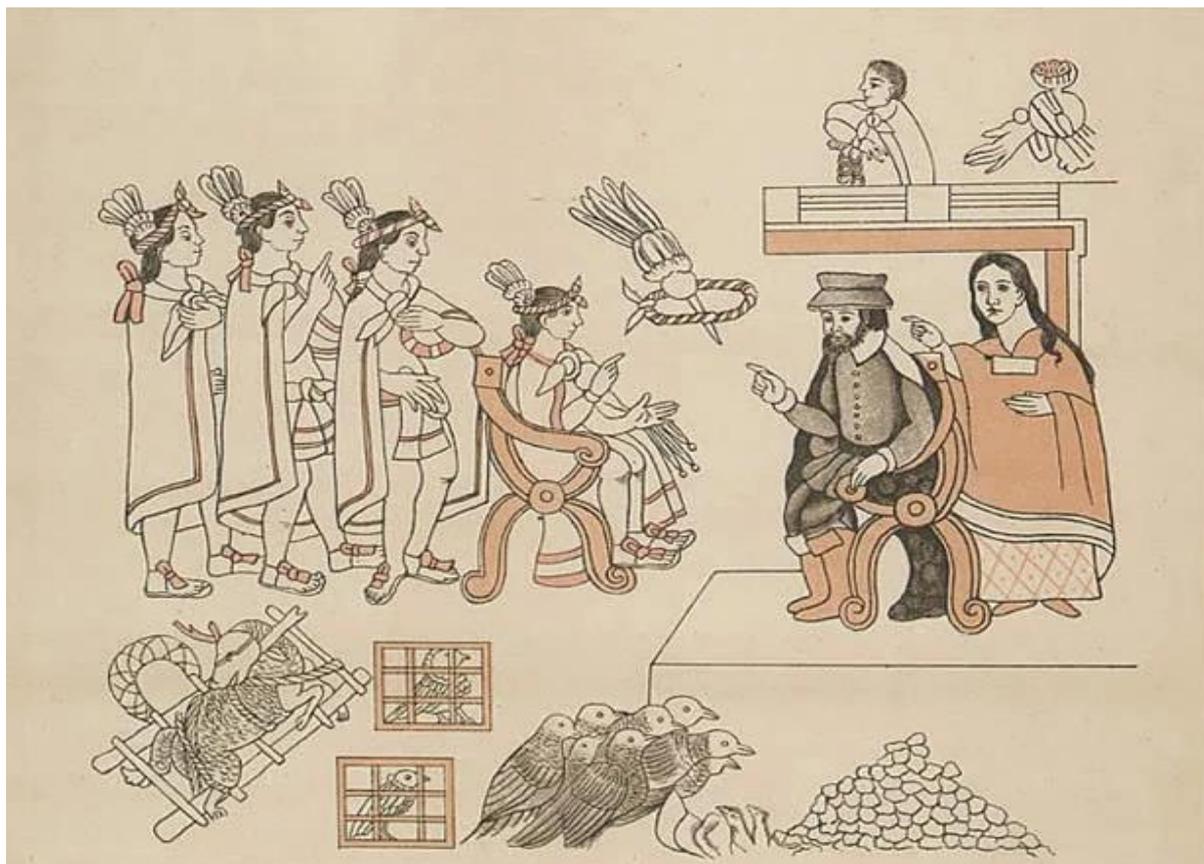
Segundo Gómara, as vinte mulheres foram as primeiras índias batizadas da Nova Espanha. Cortés teve certeza de que aquela escrava seria sua fiel *faraute* (guia) junto de Aguilar. Então, assistiu à missa com o governador Teudille, comeram e depois ficaram em suas tendas com suas línguas, outros espanhóis e índios:

Esta Marina e suas companheiras foram as primeiras cristãs batizadas de toda a Nova-Espanha, ela sozinha, com Aguilar, o verdadeiro intérprete entre os nossos e os daquela terra. Certificado Cortés que tinha certo e leal *faraute* naquela escrava com Aguilar, ouviu missa no campo, pôs Teudille a seu lado, depois comeram juntos; enquanto comiam, ambos ficaram em suas tendas com as línguas e muitos outros espanhóis e índios. (GÓMARA, 2007, p. 54, tradução nossa)

Figura 2: Lâmina 11 do *Lienzo de Tlaxcala*⁴

Marina representada ao lado de Cortés em seu diálogo com o imperador Montezuma:

⁴ O *Lienzo de Tlaxcala*, concluído em 1552, foi encomendado pelo Cabildo da cidade de Tlaxcala para registrar a participação dos tlaxcaltecas na tomada de Tenochtitlan. Com isso, os governantes da cidade pretendiam continuar a obter privilégios por parte do imperador Carlos V. (BRAVO, 2010, p. 58).



Fonte: Chavero, 1892.

Bernal Díaz del Castillo: [...] *dona Marina tinha muito ser e mandava absolutamente entre os índios em toda a Nova Espanha* [...]

Há poucas informações a respeito da vida de Bernal Díaz del Castillo antes de sua aventura à América. Ele nasceu em 1495 ou 1496 em Medina de Campo (cidade da província de Valladolid); filho de María Díez Rejón e de Francisco Díaz del Castillo, regedor da cidade. (SERÉS in DÍAZ DEL CASTILLO, 2014, p. 1117, tradução nossa)

Em 1514, aos vinte anos de idade, o jovem Bernal Díaz del Castillo é possuidor de um enorme espírito aventureiro, talvez influenciado pela leitura da novela de cavalaria *Amadis de Gaule*, amplamente difundida em sua cidade, embarca com o conquistador espanhol Pedrarias Dávila, que estava a caminho de Terra Firme (Panamá) na qualidade de governador e capitão general, permanecendo com ele por aproximadamente quatro meses. Bernal Díaz del Castillo fixou-se primeiramente na região do Dárien, situada entre Colômbia e Panamá, depois obteve autorização de Pedrarias Dávila para se mudar para a Ilha de Cuba. Em 1517, participa da primeira expedição às costas de Yulcatan, comandada por Francisco Hernández de Córdoba. Em 1518 participa da expedição de Juan de Grijalva ao mesmo local, recolhendo

informações valiosas para a expedição de Hernán Cortés em 1519 da qual fazia parte. (SERÉS in DÍAZ DEL CASTILLO, 2014, p. 1117-1118, tradução nossa)

Após a conquista do México-Tenochtitlan, luta junto ao imperador Filipe II para que seus esforços na conquista sejam recompensados. Em 1529 sua lealdade ao imperador e mercedes são reconhecidas. Fixa-se na Guatemala por volta de 1541, parcialmente recompensado. Nesta época, era pai de dois filhos com a índia dona Francisca e de um filho com a esposa dona Angelina. Contudo, por volta de 1544, para obter a *encomienda*, foi obrigado a se casar com dona Teresa Becerra (filha do conquistador e alcaide da Guatemala, Bartolomé Becerra) com quem teve nove filhos. Após sua participação na conquista do México, Bernal Díaz del Castillo fez algumas viagens à Espanha e escreveu duas cartas ao imperador Filipe II, uma em 1552 e outra em 1558, reclamando seus direitos a *encomiendas* e outros privilégios. (SERÉS in DÍAZ DEL CASTILLO, 2014, p. 1122, tradução nossa)

A partir da leitura da *Historia de la Conquista de Mexico* do historiador e eclesiástico espanhol Francisco Lopes de Gómara, publicada em 1552, no ano seguinte Bernal Díaz del Castillo decidiu transformar seu antigo memorial de guerra em uma crônica, a qual foi concluída em 1568, surgindo assim a *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. Esta obra está ligada à descoberta, conquista, *repartimiento*, povoação do México e à própria vida do conquistador/soldado/cronista, da qual a melhor parte é a aventura coletiva da qual participara. (SERÉS in DÍAZ DEL CASTILLO, 2014, p.1122, tradução nossa)

Em 1552, a *Historia de la Conquista de Mexico* e seu autor já eram famosos na Espanha. Ao lê-la, Bernal Díaz del Castillo percebeu a exaltação que Gómara fazia de Cortés como o único conquistador do México, além de alguns erros históricos. A *Historia de la Conquista de Mexico* inspirou Bernal Diaz del Castilho a apresentar a sua versão para a história da conquista em contestação à versão de Gómara. Em sua crônica, Bernal Díaz del Castillo relataria os fatos dos quais fora testemunha ocular e participe ativo como um dos capitães de Cortés.

Na obra de Gómara, capitães e nativos que participaram da conquista foram omitidos, enquanto a conquista era mostrada como uma façanha somente de Cortés. Para Bernal Díaz del Castillo e outros autores pertencentes ou descendentes dessas categorias, como o mestiço Garcilaso de la Vega, era preciso registrar a verdade. Assim sendo, a obra de Gómara foi contestada por eles, pois não viam nela a presença da verdade. (RUI, 2010, p. 177)

É importante ressaltar que cada autor expressava a verdade conforme seus próprios valores. Para Gómara, um eclesiástico, a verdade continuava fundamentada em características do medievo, “a história conduzida por Deus e pela ação dos grandes homens”. (RUI, 2010, p. 178). Apesar de ter vivido dez anos na Itália, em contato com as ideias renascentistas, continuava fiel ao medievalismo dominante na Espanha,

seguindo as normas da concepção cristã de história da historiografia medieval, a qual concebe a intervenção da Providência Divina na história. Neste sentido, o homem converte-se em um simples executor dos desígnios da Providência Divina. (LACROIX in GÓMARA, 2007, p. X-XI, tradução nossa). Por outro lado, conforme observa Ramón Iglesia, “Para Gómara [...] a história é essencialmente a biografia dos grandes homens”. (IGLESIA, 1942, p. 100, tradução nossa). Em sua *Historia de la conquista*, Gómara só mencionava Cortés, ignorando as ações da tropa que participara da conquista. (LACROIX in GÓMARA, 2007, p. XII, tradução nossa)

Já para outros cronistas, a verdade estava associada ao que poderia ser provado. Desse modo, buscavam registrar a importância e a utilidade ao Império Espanhol não apenas dos líderes, mas sim de todos aqueles que os relatos oficiais deixaram de fora. Em sua crônica, os autores davam a sua versão da história, esforçavam-se em evidenciar e comprovar a sua procedência e de que modo eles, seu povo ou sua categoria contribuíram ao êxito da conquista, aumentando assim a quantidade de protagonistas bem como a possibilidade de participarem das glórias e lucros obtidos na conquista. No século XVI e início do século XVII, o relato histórico era um documento não apenas no sentido de registro da memória, mas também de valor legal, que garantia privilégios para aquele que tivesse participado dos acontecimentos registrados. (RUI, 2010, p. 178,180)

Bernal Díaz del Castillo está entre os autores que decidiram escrever a sua versão da história para registrar sua participação na conquista. (RUI, 2010, p. 181). Tal versão ficou registrada na *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España*, concebida na velhice, com mais de 80 anos de idade, muitos anos depois de sua participação nos fatos narrados. Na obra, Bernal Díaz del Castillo procura corrigir e eliminar as imprecisões e exageros cometidos por Gómara, objetivando com isso garantir o seu direito a reclamar sua parcela nas mercês reais concedidas aos partícipes do grande empreendimento da conquista. Dentre os exageros cometidos por Gómara criticados por Castilho está a exaltação de Cortés como o herói da Conquista. Ao contrário, Castilho mostra que os agentes da conquista foram os espanhóis, principalmente os capitães, categoria a qual pertencia. Evidencia o coletivo em detrimento do individual, mostrando a importância dos soldados como conselheiros de Cortés em várias ocasiões em que importantes decisões eram tomadas. (RUI, 2010, p. 181-182). Conforme o cronista, “Digo que sobre essa minha relação podem os cronistas sublimar e louvar ao valoroso e esforçado capitão Cortés e aos fortes conquistadores, pois tão grande empresa saiu de nossas mãos”. (CASTILLO, 2003, p. 5, tradução nossa)

O assunto da busca de Cortés por intérpretes que fizessem uma boa intermediação entre espanhóis e indígenas da Mesoamérica também é destacado por Bernal Díaz del Castillo, em sua *Historia verdadera de la Conquista de la Nueva España*.

Segundo ele, na ilha de Cozumel, com o auxílio de Melchorejo, índio proveniente da Ponta de Catoche, que sabia falar um pouco de espanhol e muito bem a língua dos índios de Cozumel, Cortés certificou-se da existência de espanhóis em uma ilha próxima. Por meio de presentes ao cacique e aos índios de Cozumel, conseguiu que dois índios mercadores desta ilha fossem como mensageiros, levando cartas, acompanhando o capitão Diego de Ordaz, com um navio e um barco menor, e que aguardassem oito dias na costa da Ponta de Catoche:

Com Melchorejo, o da Ponta de Catoche, que já entendia pouca coisa da língua de Castela e sabia muito bem a de Cozumel, se lhe perguntou a todos os principais e todos [...] disseram que haviam conhecido certos espanhóis, e davam direção deles, e que na terra adentro, andando dois dias, estavam, e os tinham por escravos um cacique, e que ali em Cozumel havia índios mercadores que lhes falaram havia poucos dias. Do qual todos nos alegamos.

Disse-lhes Cortés que logo os fossem chamar com cartas [...] e deu aos caciques e aos índios que foram com as cartas camisa, e os lisonjeou, e lhes disse que quando voltassem lhes daria mais miçangas. O cacique disse a Cortés que enviasse resgate para o amo com quem estavam que os tinham por escravos, para que lhes deixassem vir, e assim se fez, que se lhes deu aos mensageiros todo tipo de miçangas.

Logo mandou preparar dois navios, [...] um era pouco maior que bergantim [...] e por capitão deles Diego de Ordaz, e mandou que estivesse na costa da Ponta de Catoche aguardando oito dias com o navio maior, e entretanto que fossem e viessem com a resposta das cartas, com o navio pequeno voltassem a dar a resposta a Cortés do que faziam. (CASTILLO, 2003, p. 11, tradução nossa)

Apesar de alguns desencontros, Jerónimo de Aguilar chega de canoa à ilha de Cozumel encontrando-se com os espanhóis para a alegria de Cortés. (CASTILLO, 2003, p. 12-14, tradução nossa)

Logo após destacar o encontro de Cortés com Jerônimo de Aguilar, Bernal Díaz del Castillo fala da chegada dos espanhóis em Tabasco. De acordo com o cronista, em um primeiro momento, os índios os receberam com hostilidades, armados, mas depois aceitaram um acordo de paz. Bernal Díaz del Castillo evidencia a intermediação entre Cortés e os líderes de Tabasco feita por meio de Jerônimo de Aguilar, sua *lengua*, que sabia falar muito bem a língua de Tabasco. (CASTILLO, 2003, p. 14-18, tradução nossa)

O soldado-cronista menciona os presentes de ouro dados a Cortés pelos caciques de Tabasco e seus vizinhos, enfatizando o presente mais importante, as vinte mulheres e dentre elas dona Marina, como seria chamada após o batismo; presente este que foi recebido com muita alegria por Cortés:

Vieram muitos caciques e principais daquele povo de Tabasco e de outros comarcas, fazendo muito acato a todos nós, e trouxeram um presente de ouro. Não foi nada todos estes presentes em comparação de vinte mulheres, e entre elas uma excelentíssima mulher, que se disse dona Marina, que assim se chamou depois de tornar-se cristã. Cortés recebeu aquele presente com alegria. (CASTILLO, 2003, p. 18, tradução nossa)

O cronista faz questão de ressaltar a ascendência nobre da indígena. Segundo ele, dona Marina era filha de grandes caciques, tinha boa aparência. As vinte mulheres foram batizadas no cristianismo, tornando-se as primeiras cristãs da Nova Espanha. Cortés as repartiu entre seus capitães, dando dona

Marina, que era a mais bonita e curiosa, ao capitão Portocarrero. Porém, quando este capitão foi à Espanha, dona Marina esteve com Cortés, tendo um filho dele, Martin Cortés:

Logo se batizaram, e se pôs por nome dona Marina àquela índia e senhora que ali nos deram; verdadeiramente era cacica, filha de grandes caciques e senhora de vassallos; e bem se lhe parecia em sua pessoa. [...] As outras mulheres não me recordo bem de seus nomes [...], mas estas foram as primeiras cristãs que houve na Nova Espanha; Cortés as repartiu a cada capitão [...]; e a esta dona Marina, como era de bom parecer, intrometida e desenvolta, deu a Alonzo Hernández Portocarrero; quando este foi à Castela, esteve dona Marina com Cortés, teve ela um filho que se chamou Martin Cortés. (CASTILLO, 2003, p. 19, tradução nossa)

Bernal Díaz del Castillo destaca que dona Marina pertencia à nobreza indígena. O pai e a mãe eram cacique e cacica de um povo da região de Painala. Com a morte do pai, a mãe se casou com outro cacique tendo um filho com ele e resolveram dar ao menino o cacicado. Para evitar que a menina representasse alguma ameaça, a deram aos índios de Xicalango e esses aos índios de Tabasco, os quais a passaram a Cortés como presente:

Quero dizer que dona Marina, como desde sua infância foi grande senhora e cacica de povos e vassallos, é desta maneira: que seu pai e mãe eram senhores e caciques de um povo que se diz Painala. Morreu o pai ficando muito pequena, a mãe se casou com outro cacique jovem e tiveram um filho; segundo parece, queriam bem ao filho que tinham tido. Acordaram entre o pai e a mãe dar a ele o cacicado; para que ele não tivesse estorvo, deram à noite a menina dona Marina a alguns índios de Xicalango; para que não fosse vista, espalharam a notícia que havia morrido. Naquela época morreu uma filha de uma índia sua escrava, e publicaram que era a herdeira; de maneira que os índios de Xicalango a deram aos índios de Tabasco, e os de Tabasco a Cortés. (CASTILLO, 2003, p. 19, tradução nossa)

Percebe-se a influência das histórias de cavalaria na representação de Marina por Bernal Díaz del Castillo. A semelhança com Amadís de Gaule é muito clara. Segundo Julie Greer Johnson, Amadís e Marina são de origem nobre, sendo vítimas do abandono por parte de suas próprias famílias quando ainda crianças. Após o desaparecimento dos pais – o de Amadís parte em uma jornada e o de Marina morre – as mães, com ajuda de servos ou escravos, abandonam suas filhas secretamente. As crianças, Amadís e Marina, são criadas distantes de suas famílias originais e por pessoas com culturas diferentes (JOHNSON, 1997, p. 162, tradução nossa)

Em várias partes do texto, Bernal Díaz del Castillo refere-se a Gerónimo de Aguillar e Marina como nossas línguas, que Cortés sempre os levava consigo, sobretudo Marina; que Marina entendia as línguas e explicava muito bem. Em seus próprios termos: “dona Marina falava de tal maneira que o sabia bem fazer”. (CASTILLO, 2003, p. 49, tradução nossa). Na concepção do cronista, dona Marina não era excelente apenas como tradutora, ela tinha muita personalidade e autoridade junto aos índios:

Como dona Marina em todas as guerras da Nova Espanha, Tlaxcala e México foi tão excelente mulher e boa língua [...] a trazia sempre Cortés consigo; dona Marina tinha muito ser e mandava absolutamente entre os índios em toda a Nova Espanha. (CASTILLO, 2003, p. 19, tradução nossa)

Tamanha era a importância de dona Marina entre os povos nativos da região do México que, conforme Bernal Díaz del Castillo, os índios, caciques, embaixadores de várias províncias e o imperador Montezuma chamavam Cortés de Malinche pelo fato de dona Marina estar sempre junto dele quando este se comunicava, falando suas palavras na língua mexicana:

Chamavam a Cortés Malinche, e assim o nomearei daqui em diante em todas as práticas que teríamos com quaisquer índios, tanto desta província (Xicalango) como da cidade do México [...]. E o motivo de ter lhe posto este nome é que como dona Marina, nossa língua, estava sempre em sua companhia, especialmente quando vinham embaixadores [...] ela declarava na língua mexicana, por este motivo chamavam a Cortés o capitão de Marina, e logo o chamaram Malinche. (CASTILLO, 2003, p. 42, tradução nossa)

É importante lembrar que os povos originários da Mesoamérica não conseguiam pronunciar a letra “r”, então diziam Malina; e, após o nome, usavam um título honorífico, “Tzin”; assim, a pronúncia final saía Malintzin. Por sua posição de destaque, os espanhóis a chamavam de dona Marina. Como Cortés estava sempre acompanhando dona Marina, os indígenas o chamavam de Malinche, o capitão, senhor, de Malintzin. A este respeito, observa Todorov “é revelador o apelido que os astecas dão a Cortés: chamam-no Malinche... (pelo menos uma vez não é a mulher que adota o nome do homem”. (TODOROV, 2014, p. 147). Porém, na posteridade, dona Marina ficou conhecida como Malinche, pois os espanhóis que acompanhavam Cortés entendiam o Malintzin pronunciado pelos indígenas como Malinche.

Considerações finais

Mesmo que Cortés tenha quase apagado o importante papel de Marina no processo de conquista na Mesoamérica, como fica claro nas pouquíssimas linhas em que ela aparece em suas *Cartas de Relación*, o protagonismo dessa indígena é evidenciado por Gómara em *Historia de la Conquista de México* e ainda mais por Bernal Díaz del Castillo na *Historia verdadera de la Conquista de la Nueva España*.

O soldado-cronista Bernal Díaz del Castillo participou da expedição de Cortés, por alguns anos conviveu lado a lado com a intérprete, dedicando-lhe várias páginas de sua *Historia verdadera de la Conquista de la Nueva España*. Na referida obra, o cronista falou dela com respeito e admiração, mostrando sua importância naquele processo.

É inegável que a participação de Marina facilitou a conquista espanhola na região da Mesoamérica. Sem ela, a conquista teria sido mais difícil e demoraria bem mais para concretizar-se. É bom lembrar que

Marina não fazia a tradução literal das palavras de Cortés aos líderes indígenas e destes a Cortés, ela interpretava, aconselhava tanto Cortés como os líderes indígenas a fazerem alianças ao invés de guerras, evitando desse modo que mais sangue fosse derramado.

Referências

Fontes primárias

CORTÉS, Hernán. **Cartas de la conquista de México**. Madrid: SARPE, 1985.

CHAVERO, Alfredo. **El Lienzo de Tlaxcala**. México: Innovación, 1892.

DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España**. Biblioteca Virtual Universal, 2003.

GÓMARA, Francisco López de. **Historia de la Conquista de México**. Venezuela: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2007.

Fonte secundária

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRAVO, Isabel Bueno. El Lienzo de Tlaxcala y su lenguaje interno. In: **Anales del Museo de América**, 18, p. 56-77, 2010.

GLANTZ, Margo (Coord). Nota Introdutória. In: **La Malinche, sus padres y sus hijos**. México: Editorial Taurus, 1994.

HERNÁNDEZ, Cristina González. **Doña Marina (La Malinche) y la formación de la identidad mexicana**. Madrid: Encuentro, 2002.

IGLESIA, Ramón. **Cronistas e historiadores de la conquista de México**. México: El Colegio de México, 1942.

JOHNSON, Julie Greer. Bernal Díaz and the Women of the Conquest. In: FOSTER, David William; ALTAMIRANDA, Daniel (org.). **Writers of the Spanish Colonial Period**. New York: Garland Publishing, 1997.

LACROIX, Jorge Gurría. Prólogo. In: GÓMARA, Francisco López de. **Historia de la conquista de México**. Venezuela: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2007. (Colección Clásica, N° 65).

MORAIS, Marcus Vinícius. **Hernán Cortez: civilizador ou genocida?** São Paulo: Contexto, 2011.

PAZ, Octavio. Los hijos de la Malinche. In: **El laberinto de la soledad**. Madrid: Fondo de cultura Económica de España, S.L., 1992.

RUI, Adailson José. A utilização da história no decorrer da conquista da América. In: **Revista de Teoria da História**, ano 1, número 3, p.169-189, junho/2010.

SERÉS, Guillermo. Bernal Díaz del Castillo y la «Historia verdadera». In: DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia verdadera de la conquista de la Nueva España**. México: Academia Mexicana de la Lengua, 2014. (Edición, presentación, estudio y notas de Guillermo Serés; ensayo introductorio de Miguel León-Portilla).

SKIDMORE, Thomas E. Onde estava a “Malinche” brasileira? Mitos de origem nacional no Brasil e no México. **Revista Cultura Vozes**, nº 91, p. 107-118, Petrópolis, 1997.

Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira

O papel de Marina/Malintzin/Malinche no processo de conquista do México-Tenochtitlan

SOUSTELLE, Jacques. **A civilização asteca**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 2014.